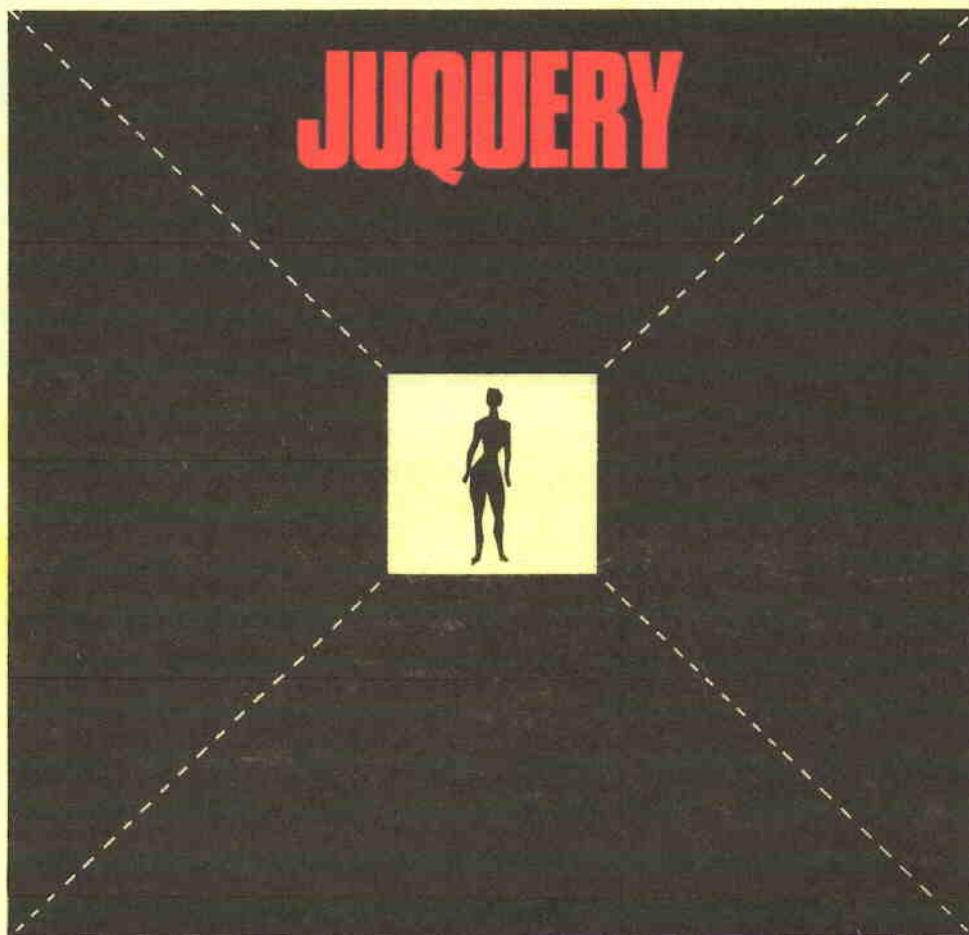


MULHERIO

Ano VII
n.º 29
Mai/Jun 1987
São Paulo
Brasil
Cz\$ 30,00



OS SUBTERRÂNEOS DA LOUCURA FEMININA

- **Funcionárias públicas: o difícil caminho da igualdade**
 - **Na Constituinte, mais poder para as mulheres**
- **Entrevista exclusiva com a escritora Doris Lessing**

PONTOS DE VENDA

MINAS GERAIS

Espaço Cultural Livros e Artes: Rua São João, 357, fone (032) 211-2029, Juiz de Fora.

MATO GROSSO DO SUL

Regina Arakaki: Rua Rui Barbosa, 2.324, fone (067) 382-0642, Campo Grande.

PARÁ

Jane Beltrão: fone (091) 229-6336, Belém.

PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Iguacu, 624, fone (041) 233-3622, Curitiba.

PERNAMBUCO

Wilma Lessa: fone (081) 224-0585

RIO DE JANEIRO

Dazibao Livraria: Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ouvidor, 11 - Rio de Janeiro.

Livraria Timbre: Shopping Center da Gávea, Rio de Janeiro

RIO GRANDE DO SUL

Distribuidor: Marco Amaral, Pça Rui Barbosa, 39, sala 6, fone (0512) 26-9747, Porto Alegre.

Banca Vera Cruz: Praça da Alfândega.

LIVRARIAS

Graphis Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340

Livraria CAEPE/ufrgs: Av. Paulo Gama, s/n.º.

Livraria Autores Nossos: Av. Érico Veríssimo, Centro Municipal de Cultura

Livraria Adeli Sell: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27

Livraria Arcano 17: Av. Protázio Alves, 1.138

Livraria Mercado Aberto: Rua Riachuelo, 1.291

Livraria Mercado Aberto: Rua da Conceição, 205

Livraria Palmirina: Rua Gal. Vitorino, 140, 1.º andar

Livraria Prosa e Verso: Rua Mostardeiro, 120, loja 4

Livraria Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21

SÃO PAULO

Maria Alice Paes: fone (0192) 43-3267, Campinas.

LIVRARIAS

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448

Brasiliense: Rua Oscar Freire, 561

Livraria Brasiliense: Rua Augusta, 2.345

Canto da Prosa: Rua Simão Álvares, 445.

Capitu: Rua Pinheiros, 339.

Da Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184

Litteris: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264

Litteris: Bar Avenida, Av. Pedrosa de Moraes, 1.033

REVENDO AS ELEIÇÕES

Concordo plenamente com a afirmação de Zulaia Cobra Ribeiro (*Mulherio* n.º 27) sobre as razões que levaram a deputada Bete Mendes (PMDB-SP) a ganhar as eleições para a Constituinte, e explico melhor minhas declarações publicadas na mesma edição. A Globo "ajudou" a eleição de Bete Mendes, na medida em que divulgou sua imagem. Acredito também que tanto Tutu Quadros (PTB-SP), quanto Irma Passoni (PT-SP), diferentes em suas posições políticas, tiveram uma campanha muito bem estruturada e organizada que as levou à vitória. Na campanha eleitoral, dispus de apenas sete segundos em apenas dois dias para falar. O problema da distribuição do tempo para os partidos, decidido pela "Aliança" (PMDB e PFL) resultou em um desastre eleitoral. A Constituinte, da forma que foi decidida pela mesma aliança, acarretou também outro desastre eleitoral que vitimou as chamadas "minorias". Quero ainda expressar meu pesar por uma pessoa do valor de Zulaia Cobra Ribeiro ter sido derrotada. As mulheres perderam. Não é hora de refletir sobre isto mais profundamente?

Irede Cardoso
São Paulo, SP

Concordo plenamente com a afirmação de Zulaia Cobra Ribeiro (*Mulherio* n.º 27) sobre as razões que levaram a deputada Bete Mendes (PMDB-SP) a ganhar as eleições para a Constituinte, e explico melhor minhas declarações publicadas na mesma edição. A Globo "ajudou" a eleição de Bete Mendes, na medida em que divulgou sua imagem. Acredito também que tanto Tutu Quadros (PTB-SP), quanto Irma Passoni (PT-SP), diferentes em suas posições políticas, tiveram uma campanha muito bem estruturada e organizada que as levou à vitória. Na campanha eleitoral, dispus de apenas sete segundos em apenas dois dias para falar. O problema da distribuição do tempo para os partidos, decidido pela "Aliança" (PMDB e PFL) resultou em um desastre eleitoral. A Constituinte, da forma que foi decidida pela mesma aliança, acarretou também outro desastre eleitoral que vitimou as chamadas "minorias". Quero ainda expressar meu pesar por uma pessoa do valor de Zulaia Cobra Ribeiro ter sido derrotada. As mulheres perderam. Não é hora de refletir sobre isto mais profundamente?

Irede Cardoso
São Paulo, SP



A POLÊMICA CONTINUA

Minha carta de Paris, datada de 9 de setembro do ano passado, não se destinava à publicação, mas sim atender à coluna "Reprodução Total ou Parcial Desde que Citada a Fonte". Assim, se encontrei o artigo "Bigode e Bigode dá Bode?", assinado por Maria das Dores Padilha em *Mulherio* n.º 23, traduzido palavra por palavra da revista "Sociétés - Re-



Eva H. em exposição no Instituto Goethe

vue des Sciences Humaines" (n.º 7), meses depois, assinado por Peter Fry, pareceu-me que algo estava errado no reino da Dinamarca. No n.º 27, o *Mulherio* devolve a questão sem assumi-la, devendo eu, portanto, concluir que a dita observação se refere tão-somente às autorias, e que os textos de *Mulherio* podem ser duplicados da primeira à última linha - desde que haja prévia publicidade nas costas das (os) leitoras (es). Vejo também que no *Mulherio* não existe restrição quanto ao uso de pseudônimos de qualquer tipo. Por outro lado, começo a compreender a opção de Peter Fry: afinal, porque iria quebrar a cabeça com dois artigos originais, gastar seu renome de intelectual originário de país industrializado, livre de publicar em várias línguas, com um "jornalzinho feminista" de Peia subdesenvolvido? Seu "verdadeiro" nome ele reserva para a revista francesa que lhe traz prestígio entre seus "verdadeiros pares", a comunidade acadêmica internacional. Caso ainda reste dúvida sobre essa indevida cópia, saiba Peter Fry que no *Mulherio*, editoras, conselheiras e leitoras (mas nem todas) aplaudiram gratas e felizes suas explicações em forma de pseudo farsas pseudo-antropológicas.

Danda Prado
Rio de Janeiro, RJ

Mulherio mantém posição neutra na polêmica, reservando o direito de resposta das partes, enfatizando que respeita direitos autorais e que não faz restrições ao uso de pseudônimos, prática comum na imprensa brasileira.

Concordo plenamente com a afirmação de Zulaia Cobra Ribeiro (*Mulherio* n.º 27) sobre as razões que levaram a deputada Bete Mendes (PMDB-SP) a ganhar as eleições para a Constituinte, e explico melhor minhas declarações publicadas na mesma edição. A Globo "ajudou" a eleição de Bete Mendes, na medida em que divulgou sua imagem. Acredito também que tanto Tutu Quadros (PTB-SP), quanto Irma Passoni (PT-SP), diferentes em suas posições políticas, tiveram uma campanha muito bem estruturada e organizada que as levou à vitória. Na campanha eleitoral, dispus de apenas sete segundos em apenas dois dias para falar. O problema da distribuição do tempo para os partidos, decidido pela "Aliança" (PMDB e PFL) resultou em um desastre eleitoral. A Constituinte, da forma que foi decidida pela mesma aliança, acarretou também outro desastre eleitoral que vitimou as chamadas "minorias". Quero ainda expressar meu pesar por uma pessoa do valor de Zulaia Cobra Ribeiro ter sido derrotada. As mulheres perderam. Não é hora de refletir sobre isto mais profundamente?

SOS PARA ARQUIVOS

Estou iniciando meu projeto de pesquisa para dissertação de mestrado. Para tanto, necessito informações sobre publicações (jornais, revistas, livros, pesquisas etc) sobre mulheres menores, consideradas delinqüentes e/ou internas em instituições do tipo Febem.

Miriam Ida
Rodrigues Breitman
Rua Cónego Viana, 189
90410 - Porto Alegre, RS

MAIS MULHERIO

Tomamos conhecimento através do MinC que nossa instituição receberá seis edições do jornal *Mulherio* (n.ºs 25 a 30). Tendo em vista que esse veículo possui grande público em nossa biblioteca, gostaríamos de completar a coleção com os números anteriores (de 0 a 24) para, dessa forma, melhorar o atendimento aos nossos usuários.

Neide de Oliveira Motta
Biblioteca Prof. Florianoópolis, SC

Mulherio está enviando os números solicitados.

PARA FORA



MATERIAL PARA TESE

Faço mestrado na Universidade de São Paulo (USP), na área de Literatura Brasileira, especialidade em teatro. Minha tese, em fase de pesquisa e levantamento de dados, é sobre autoras (mulheres escritoras) de peças teatrais. Desejo receber qualquer informação e material sobre o tema.

Maria Cristina de Souza
Rua Tibagi, 769, apto. 503
80000 - Curitiba, PR

GRUPOS FEMINISTAS

Sou estudante na Universidade de Wisconsin, Madison, Estados Unidos, e tive recentemente meu primeiro contato com um jornal brasileiro que trata do Feminismo no Brasil, o *Mulherio*. Vou terminar a faculdade em agosto, há três anos estou estudando

MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman-Bianco (Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sedar (USP); Fúlvia Rosemberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Buarque de Hollanda (UFRRJ; Stanford University, USA); Mariângela Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher, Salvador, BA); Mariyze Meyer (Unicamp, SP); Maria Goes (jornalista, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

Editora-responsável: Iná Castilho (MTB 17.504); **Editora:** Santamaris Silveira (MTB 13.517); **Repórter/Redatora:** Paula Magalhães; **Secretária de Redação:** Pêrola Paes; **Arte:** Jaime Prades e Walkyria Suleiman.

Publicidade: Maria Lúcia de Barros Mott. **Assinaturas:** Helena Maria Moreira; **Contas a Pagar:** Luiz Angelo Gonçalves; **Secretaria Geral:** Tânia Cristina V. de Paulo. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte. Publicado com o apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ. *Mulherio* é uma publicação do Núcleo de Comunicações *Mulherio*, associação civil sem fins lucrativos. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052.

Composição e Impressão: DCI - Indústria Gráfica S.A., Rua Dr. Almeida Lima, 1.364, Mooca, 03046, São Paulo, SP, fone (011) 948-5088. **Tiragem desta edição:** 12 mil exemplares.

ERRAMOS

O artigo "Em Bukina Faso, poder contraditório", publicado no n.º 28, saiu sem a assinatura da autora, a jornalista Maria Fatima da Silva.

no Women's Studies Courses e pretendo fazer mestrado sobre educação para mulheres. Por isso, necessito saber o endereço de alguns grupos feministas do Brasil para contato.

Joelle Rovire
Madison, EUA

MULHERIO INFORMA:

Associação das Mulheres de Mato Grosso
Rua Baltazar Navarros, 231
78060 - Cuiabá, MT
Centro da Mulher Brasileira

Avenida Franklin Roosevelt, 39, sala 713
20021 - Rio de Janeiro, RJ

Centro de Defesa dos Direitos da Mulher
Rua Goltcazacas, 14, sala 601
30190 - Belo Horizonte, MG

Grupo de Mulheres de Vitória
Avenida Marechal Campos, 420/3
29040 - Vitória, ES

Grupo Feminista Gêmeira
Rua Rafael Saad, 206/403
90060 - Porto Alegre, RS

Movimento de Mulheres do Brejo Paraibano
Rua José Cruz, 301
58213 - Píripituba, PB

SOS - Corpo do Recife
Rua do Hospício, 859, conj. 14
50050 - Recife - PE

União de Mulheres de São Paulo
Rua Santo Antônio, 1.395
01314 - São Paulo, SP

Reflexões Sobre o Cotidiano
Marta Suplicy
Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987

O Cotidiano sem Dogmas

e com Sabor

MARIA CARNEIRO DA CUNHA
jornalista

O novo livro de Marta Suplicy intitula-se *Reflexões Sobre o Cotidiano*, o que pode se atribuir ao fato de ser uma compilação de escritos publicados na imprensa diária. Mas sua leitura revela que a referência ao cotidiano, mais que um acaso, é uma escolha que contém implicação uma abordagem conceitual.

Os motivos dessa escolha são explicitados em vários trechos, como aquele em que a autora narra a reação de um homem da platéia num dos muitos debates de que participou. Ele acusa-a as mulheres presentes de só falarem sobre seus "casinhos" e afirmava que queria discutir o "geral". A resposta, dada naquele momento por Rose Marie Muraro, não se fez esperar: "parece ser uma característica dos homens ficarem falando no abstrato e de teorias e isso é feito, consciente ou inconscientemente, para evitar mudanças. Você só muda quando vê as articulações concretas da realidade. Essa lógica concreta é desprezada porque mostra como toda teoria abstrata serve à classe dominante e ao sexo e raça dominantes. A lógica concreta do oprimido estoura as teorias."

Tudo indica que, no momento atual, essa lógica está sendo estourada por diversas vias: não só porque se tornam mais claras as implicações ideológicas por trás de certos discursos generalizadores articulados que herdamos do século XIX, mas também porque e se se mostraram incapazes de retraduzir no concreto as esperan-

ças que suscitaram de eliminar as opressões. Em seu centro, sempre a mesma omissão: a escamoteação da questão do poder. Como ela está no foco das atuais discussões teóricas, começaram a proliferar nas ciências sociais as produções sobre o cotidiano, no qual o poder pode ser detectado de forma mais direta.

Mas há duas maneiras bem diferentes de olhar: uma meramente descritiva ou explicativa, que reforça o status quo, e outra profundamente crítica; uma que procura ver nesse cotidiano apenas a confirmação de esquemas teóricos anteriores e outra que elabora sua análise a partir da própria concretude dos fatos observados. Daí o conflito de posições. O que para alguns são "casinhos", para outros, são elementos reveladores. E é desta última forma que Marta os trata, como boa observadora crítica e sem pretensões a um "saber" generalizante.

Porém, não foi fácil para as mulheres que escrevem chegar a essa simplicidade e até reivindicá-la. Todo o entorno intelectual conspirava contra, na medida em que o dualismo básico desta civilização já estabelecera uma hierarquia entre o que considerava transcendente e imanente. O que se refere ao corpo, à natureza, à "feminilidade", ao cotidiano, era da ordem da imanência, único território em que as mulheres podiam transitar. O espírito, as ideias (abstratas), as teorias, a ciência, a arte e o sagrado, masculinos por concepção, constituíam o terreno do transcendente. Só poucos pensadores heterodoxos contestaram essa hierarquia, como Fourier, que, ao colocar o prazer no centro de sua utopia, o definiu como da esfera do doméstico (sendo o político o reino da necessidade).

Não é de admirar, portanto, que muitas mulheres, apesar da consciência de sua opressão nesse sistema, tenham sido tentadas a explicá-la usando os conceitos já existentes e que se mostraram insatisfatórios para a abordagem da questão da mulher. Mas elas continuaram perturbando e, porque estamos numa época de crise que marca o fim das certezas eternas, sua voz teve mais condições de ser ouvida. Essa voz é portadora não de novas certezas, mas de outras incertezas, que trazem consigo a riqueza múltipla do concreto e a curiosidade vital.

Essa riqueza e essa curiosidade - que os saudosistas da visão unitária chamariam de fragmentária - que passam pelas crônicas do cotidiano de Marta Suplicy, que tanto podem falar da campanha das "diretas-já", como de um filme ou de um livro que viu ou

leu ou de pessoas que encontrou e que provocaram a sua reflexão.

Em busca dos porquês, escapa dos dogmatismos e, com uma formação na área de psicologia (e psicanálise), não se limita a um psicologismo meramente individualizante, porque tem nítida consciência da importância dos fatores político-sociais e ideológicos na formação dos comportamentos individuais.

Em estilo coloquial, é um livro gostoso de ler, mas que, ao colocar suas

visões na intersecção de campos diversos de apreensão do real, também faz pensar. Se fosse escrito por certos homens (e mulheres com o mesmo espírito) provavelmente se chamaria "teoria do cotidiano" e assumiria a forma de uma tese acadêmica, que poucos leriam e só faria pensar o próprio autor, dotado de olhar telescópico. Sem telescópios e sem espelhos, mas com olhos para ver e um agudo senso de justiça, Marta consegue ser eficaz.

A TESE do Homem-Pai

MARIA LÚCIA ARROYO LIMA
Psicanalista

Este livro dá para começar a ler a partir da capa: a ilustração de uma poltrona vazia traz associações automáticas, símbolos ancestrais desse masculino ausente. Penso num par de chinelos, um cachimbo e sobre a mesa, um jornal aberto na página de esportes, uma preguiça musculosa. Mas logo atualizo a imagem, penso também em pais que trocam fraldas, levam os filhos para passear, dão mamadeiras, brigam na justiça pela guarda deles. Sim, claro que houve uma bela mudança.

Geneviève acredita que essas mudanças são o reflexo de uma nova realidade sociológica (o trabalho feminino, as modificações dos estereótipos masculinos e femininos). Nas palavras dela: "O pai de amanhã será simplesmente um homem a quem serão devolvidos, face ao bebê e à criança, as reações complexas e ambivalentes até aqui reservadas apenas à mãe". Um homem-pai, portanto, não um pai-mãe.

Psicanalista e etnóloga, a autora usa as duas ciências para - digamos assim - deitar e rolar sobre a questão. Para deitar, usa a metodologia psicanalítica no estudo detalhado de onze casos, histórias e relatos de homens que falam de sua experiência como pais, seguindo-se a análise correspondente. Para rolar o assunto pelo planeta, ela apresenta dados etnológicos que mostram exemplarmente as utilizações da divisão sexual nas diferentes culturas - sempre, em qualquer parte do mundo, uma divisão artificial e simbólica.

A tese apaixonadamente defendida neste livro é a de que não existe na realidade nenhuma desigualdade entre homens e mulheres na procriação. "A diferença e as supostas vantagens da mulher em relação ao homem são construídas, resultam de fatores ideológicos e culturais", sustenta a autora.

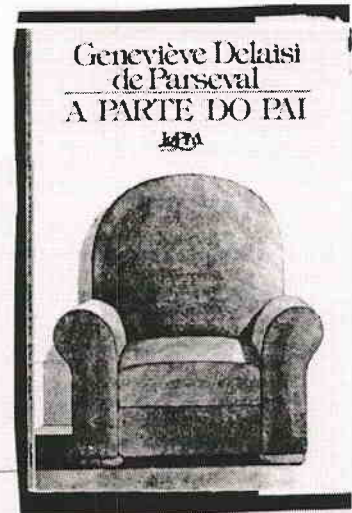
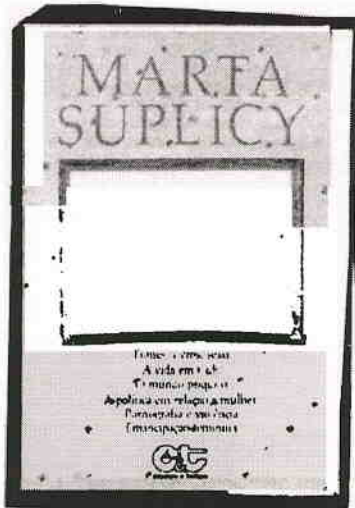
Se lembramos do ditado popular: "Os filhos das minhas filhas meus netos são, os filhos dos meus filhos não sei se o serão" -, temos uma dimensão da dificuldade para se aceitar essa afirmação. A "dúvida paterna" vem sen-

do em nossa sociedade o pilar ideológico da divisão dos papéis homem-mulher no que se refere à procriação. Segundo Geneviève, essa dúvida - real - seria encobridora de outra, mais antiga, carregada sem palavras desde a in-

meu pai é meu verdadeiro pai".

Esse estereótipo ocidental da dúvida sobre a paternidade - do qual Freud, por razões ligadas à sua história pessoal, nunca se libertou - seria algo como se todos os adultos pertencentes a uma mesma cultura tivessem reunido seus fantasmas de criança. Funcionaria como uma espécie de defesa padronizada para bloquear o Édipo. Com a clareza das culturas mais rudimentares, um bom exemplo trazido pela autora é o dos tobríandeses, que negavam a paternidade biológica do genitor e a deslocavam para a pessoa do tio materno - "artimãna inconsciente que tem a vantagem de preservar a paz das famílias e favorecer relações serenas e amigáveis entre o genitor e sua prole". Em suma, boas teses se somam a um texto bem elaborado.

3
MULHERIO
MAI/JUN 87



A personagem Virginia



Momentos de Vida
(Um Mergulho no Passado e na Emoção)
Virginia Woolf
Tradução de Paula Maria Rosas
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986

LEITURA

MALU HEILBORN

O mercado de livros no Brasil dos últimos tempos está indefectivelmente assolado pela febre das biografias. A paixão e a curiosidade pela vida alheia reinstalam-se com toda a força. Para quem professa tal vício o livro *Momentos de Vida* de Virginia Woolf é imperdível. De certo a assinatura já garante o interesse dos aficionados da autora de *Orlando* e *As Ondas*, com a licença de uma preferência pessoal. Por sua vez, a editora Nova Fronteira tem sido generosa para com os amantes de Virginia. Ela prossegue com a tradução (de nível bom a excelente) do conjunto de sua obra, incluindo agora esse livro, que, na verdade, jamais teve cogitada, pela autora, a sua publicação.

Momentos de Vida reúne cinco textos de cunho autobiográfico, precedidos por notas detalhadas da organizadora Jeanne Schulkind, uma verdadeira exegeta. "Reminiscências" e "Um Esboço do Passado", embora escritos em momentos distintos da carreira de Woolf, testemunham a dedicação com que essa mulher se entregou ao ofício de escrever. São exercícios literários. E, se carecem do esmero da forma que tão bem caracteriza a sua ficção, contam com o charme da revelação do aprendido e da intimidade da escritora com as letras. Mais indiscreto só mesmo os diários, ainda indisponíveis na língua pátria. Os demais textos são peças de encomenda. Feitos para a leitura no Clube de Memórias, nome alternativo como se autodesignava o Bloomsbury Circle, grupo de intelectuais a que Virginia pertencia. Híbrido em sua composição, o livro certamente não tem o fascínio de um dos seus romances, mas a aventura da ficção não está ausente: agora é a vez da personagem Virginia Woolf.

Quanto mistério há nessa figura de mulher magra, triste, com evidentes sinais de anorexia nervosa, que, genial e consagrada, acaba por suicidar-se.

Os biógrafos (bons e maus) não se cansam de vasculhar sua vida à procura de fatos "reveladores". Duas circunstâncias em particular os atormentam: a doença mental, na falta de termo menos cruel) e a (homo)sexualidade. Caçam com igual energia as identificações entre ficção e vida real. Pois os especialistas são unânimes: sua obra é uma exploração exaustiva da personalidade de membros de sua família, de amigos, de pessoas com quem travou conhecimento. A mãe, Julia Stephen, é fonte de inspiração para muitas personagens femininas (p.ex. Mrs Ramsay em *Passeio ao Farol*); Vita Sackville-West, uma amiga, é celebrada em *Orlando*, livro dádico que metaforicamente lhe restitui a propriedade familiar que não pôde herdar por ser mulher.

Mas se sua produção retira matéria-prima do cotidiano, ela é muito mais do que coletânea de fatos pessoais; é manancial inesgotável de apreciações sobre os valores e experiências de classe de certos grupos da sociedade inglesa a dado momento. Essa é uma trilha preciosa a se percorrer na leitura de *Momentos de Vida*. Nele, caem as cortinas que, em nome do bom-tom, toldam as formas não convencionais de sociabilidade, de vida familiar e de amor.

Pela pena de Virginia compartilha-se o encanto da convivência descontraída e da camaradagem intelectual com os colegas de universidade de Thoby Stephen, o irmão. Prazer que se sabe empalecido pelo fato de ela e a irmã Vanessa não serem objeto de atração para os nada elegantes rapazes. Sexo e sedução passam ao largo dos primórdios do grupo de Bloomsbury. Com distinção e delicadeza ferina Virginia narra os percalcos do despertar da sexualidade, seja através da investida sexual do seu meio-irmão, seja na desilusão de não ser desejável, seja na descoberta da homossexualidade masculina.

Há algo que o livro não registra e que pode ser lido em *Retrato de um Casamento* de Nigel Nicholson (também pela Nova Fronteira): a relação amorosa com Vita. Momento de vida de esfuziante criação literária e de osadía contra as convenções. Nele liberta-se um pouco dos fantasmas da depressão e da tuiela carinhosa do marido e da irmã. Empreende viagens com Vita, escreve artigos sobre homossexualidade, manifesta-se publicamente, para desconsolo dos amigos, contra a censura de *The Well of Loneliness* de Radclyffe Hall, uma pérola da literatura sáfica. Virginia rebela-se.

Para além de homo-romances, os episódios falam de como a sexualidade pode servir de canal expressivo para a veiculação de valores vanguardistas. O grupo de Bloomsbury é um dos palcos em que esse enredo tem lugar. A elite inglesa, a partir da segunda metade do séc. XIX, professa um culto à homossexualidade masculina. Isso é particularmente claro entre os membros de Cambridge. A "homossexualidade" do meio universitário incentiva e legítima o amor entre os iguais (de espírito) em conformidade com as regras do gosto letrado da época fascinado pelo modelo grego. Um romance

de M. Foster, *Maurice*, a quem Virginia alude no livro, retrata essa amizade idealizada, onde o objeto de desejo não é o corpo, mas a alma.

De certo modo, coube a Virginia Woolf traduzir para o feminino essa possibilidade.

Malu Heilborn é antropóloga, atualmente no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Feminismo: possibilidades múltiplas



E Agora, Mulher?
Anésia Pacheco e Chaves
Rio de Janeiro, Guanabara, 1986

SÔNIA MALHEIROS MIGUEL

Uma colcha de retalhos. Esta talvez seja uma boa imagem para o livro de Anésia Pacheco e Chaves *E Agora, Mulher?* São "ensaios" (ou "agulhadas" como propõe a autora), alguns inéditos, a maioria publicados na *Folha de S. Paulo*, na Ilustrada ou na Página 3, entre os anos de 1978 e 1985.

São "agulhadas" rápidas, outras um pouco mais profundas, que vão construindo (ou seria melhor dizer costurando?) um quadro da situação da mulher em nossa sociedade (capitalista, patriarcal, autoritária) e do movimento feminista no Brasil. E aí está uma das contribuições do livro. Falta hoje, no Brasil, uma reflexão mais sistematizada sobre o movimento feminista e seus impasses atuais. Temos uma razoável produção sobre mulher e trabalho, mulher e participação política etc., mas pouco se escreve (e discute) sobre o movimento feminista e os rumos que este movimento está tomando.

O livro de Anésia Pacheco e Chaves

trabalha pontos básicos da tão falada problemática feminina. Em alguns textos situa historicamente o surgimento desta opressão. Em outros, discute a necessidade da construção de uma linguagem própria, renegando o discurso dominante e dominador de nossa sociedade, machista e patriarcal.

Em todos os textos a autora tem como fio condutor um questionamento radical das estruturas de poder existentes em nossa sociedade. Este poder é identificado e questionado na literatura e artes em geral, nas relações entre os sexos, nas relações de trabalho, entre outras. Crítica-se a construção de uma imagem da mulher do ponto de vista masculino falocrático, bem como a introjeção por parte das mulheres deste padrão de comportamento.

A autora aponta a importância do feminismo e do movimento feminista como questionador destes papéis, indicando a existência de uma pluralidade de visões dentro do movimento. Destaca como sua, uma visão que tenha como proposta uma transformação radical da sociedade em todos os níveis, acabando com a opressão tanto de sexo quanto de classe.

A busca de uma identidade feminina fixa é questionada, salientando o risco de se assumir um novo rótulo que seja amoldador das diferenças, existentes também entre as mulheres. É na procura de identificação dos impasses por que passa o movimento feminista hoje, que o livro de Anésia Pacheco e Chaves ganha força.

Os textos indicam caminhos a se pensar. São cortes e recortes que levam a uma determinada compreensão da crise do movimento, como: a sua excessiva institucionalização; a recuperação do feminismo pelo sistema; as dificuldades do movimento em resolver na prática algumas das questões que aponta; a postura reformista de algumas correntes que deixam de lado um questionamento da estrutura básica da sociedade; a quebra de utopia do movimento etc.

Mas na medida em que são "agulhadas" (e elas têm o efeito de nos sacudir e despertar) não aprofundam estes questionamentos. Fica sempre a sensação de um querer mais (o que é bom). Fica sempre a vontade de continuar o papo, quem sabe num bar.

Algumas vezes a autora exige uma atuação do feminismo muito eficiente, apontando fracassos (na resolução da questão da sexualidade feminina e do trabalho doméstico, por exemplo). Mas faça minha suas palavras quando afirma: "Todas as dificuldades (tanto conceituais quanto de ordem prática) enfrentadas por um movimento que questiona as próprias bases de nossa sociedade torna quase impossível conseguir resultados a curto prazo."

Ao fazer a minha colcha, talvez montasse alguns retalhos de maneira diversa, mas é justamente esta possibilidade múltipla de construções que tornam as colchas interessantes, diferentes e belas.

Sônia Malheiros Miguel, historiadora, mestrande em Sociologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Prepara a tese "Feminismo: Um Olhar para Dentro".

Eu, Zuzu Angel, Procuero Meu Filho

Virginia Valli
Rio de Janeiro, Philobiblion
Livros, 1986

SANTAMARIA SILVEIRA

O Brasil possui ainda o saldo de 125 casos de desaparecidos, vítimas da repressão militar, que criou os eficientes Departamentos de Operações Internas (DOIs), responsáveis por mortes, torturas, sequestros, incêndios em bancas de jornais e outros atentados. O livro *Eu, Zuzu Angel, Procuero Meu Filho* fala sobre um destes desaparecidos, Stuart Edgar Angel Jones, filho de Zuleika Angel Jones e militante do MR-8.

A via-sacra de Zuzu Angel, então famosa estilista que vestia Joan Crawford e Margot Fonteyn, não conheceu limites. Incluiu casas de generais, onde era informada que seu filho não estava preso; as Auditorias Militares, onde Stuart era julgado mesmo depois de morto, e as Arquidioceses. A de D. Eugênio Sales que não a recebeu e a de D. Paulo Evaristo Arns, que a confortou, enviando posteriormente uma carta: "Nossa Senhora teve o consolo de apertar em seus braços o cadáver do Filho torturado, e ainda ensanguentado. E é ela que transmitirá à mãe de Stuart um consolo, se possível, nesta

Terra".

O País estava silenciado pela censura, mas Zuzu conseguiu fazer seu protesto no Exterior, usando as passarelas. Para escândalo das autoridades brasileiras, Zuzu realizou em Nova Iorque um desfile, onde substituiu os costumeiros passarinhos, borboletas e flores por motivos bélicos, como canhões, anjos amordaçados e aprisionados, tornando o anjo (Angel) um dos temas mais constantes de sua moda e o símbolo do filho torturado.

Como Stuart tinha pai norte-americano, Zuzu também tentou acionar as autoridades americanas para forçar os militares brasileiros a se pronunciarem. "Eu me sentia como aquele jovem mineiro, José Joaquim de Maia, que estudava em Coimbra e, na época da Conjuração Mineira, escreveu a Thomas Jefferson pedindo socorro". Até a Henry Kissinger, o todopoderoso secretário de Estado de Nixon, Zuzu recorreu na tentativa de obter notícias. Segundo depoimento de Alex Polari de Alverga, ex-presos político, Stuart morreu na madrugada de 14 para 15 de maio, depois de continuadas sessões de tortura e de ser arrasta-

do por um jipe no pátio do Galeão. Seu corpo deve ter sido lançado em alto mar, na Restinga da Marambaia, provável destino final dos torturados e mortos no Rio de Janeiro.

É ponto pacífico que a lei da Anistia eximiu de responsabilidades as duas partes, militantes e militares. Porém, reviver esse período é fundamental, pois os fatos sob a ótica da História não foram anistiados e não podem continuar escondidos, numa espécie de "ponto final" brasileiro, bastante antecipado. Só agora, Eunice Paiva, mulher do ex-deputado Rubens Paiva - morto sob tortura numa cela do DOI - se considera viúva, já que até então a versão oficial dizia que ele tinha fugido mediante seqüestro de um grupo armado.

Esse foi a angústia de Zuzu, considerada uma precursora da Locas de La Plaza de Mayo, encontrar Stuart Angel ou seu corpo. Sua loja no Leblon funcionou como um ponto de referência e resistência para intelectuais, jornalistas e pais de filhos desaparecidos. Tudo que Zuzu recebia: manifestos, cartas, denúncias, poemas; ela passava adiante, para ver se entendia "esse

pesadelo que é morar num país em que nada se informa, nada se sabe, nada pode ser transmitido". O livro de Virginia Valli conta a saga dos Angel e reúne importantes depoimentos da era Médici, que Zuzu chamava de "Carrascu", por ser responsável pela geração de três grandes centros de tortura no País: Rua Tutóia, o "Paraiso", por ficar no bairro do mesmo nome (São Paulo), Ilha das Flores e Base Aérea do Galeão (Rio de Janeiro).

Zuzu Angel, que se autodefinia como uma "mineira jeca que virou negociante para trabalhar, ganhar dinheiro e dar o melhor aos seus três filhos", morreu num acidente inexplicado de carro em 76, na saída do túnel Dois Irmãos. "Há fortíssimas razões para admitir que ela foi assassinada; mas há fortíssimas razões para que isso permaneça mistério", aponta Nelson Werneck Sadré, na introdução do livro. Mas Zuzu não temia nada, e mesmo na hora da morte, não deixou sem resposta os algozes de seu filho: "Quando eu morrer, não quero ir de mãos juntas, como todo defunto, quero ir embora dando banana para eles."



Ilustração: Ota Serravallo



Angélica
(música para Zuzu Angel)

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estríbilho?
Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

Quem é essa mulher,
Que canta sempre esse lamento?
Só queria lembrar o tormento
Que faz o meu filho suspirar

Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo?
Só queria agasalhar meu anjo
Deixar seu corpo descansar

Quem é essa mulher
Que canta como dobra o sino?
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar

Chico Buarque e Miltoninho



Turner e Cage numa volta ao passado

REAVALIAR AS LEMBRANÇAS

em plena festa do 25.º aniversário de sua formatura, no momento em que é aclamada pelos velhos colegas de colégio como a rainha da noite, dispara os mecanismos de imaginação de Peggy Sue e a lança para essa viagem de volta. Ela acorda numa enfermaria, com o mesmo vestido de cetim azul que vestia na festa de ex-alunos, mas logo percebe que não respira os ares de 1986, mas 1959. Suas melhores amigas ainda não se casaram e seu ex-marido não passa de um namoradinho apaixonado que sonha em ser cantor de rock e que nem imagina que um dia trairá sua querida Peggy Sue, trocando-a por uma mulher burra, mas mais jovem.

Peggy Sue revive a época em que os garotos usavam enormes topetes, os Beatles ainda não tinham sido descobertos, o Cadillac era o máximo da classe média e a virgindade era algo levado a sério. Coppola transporta sua personagem sem a preocupação de dar à atriz Kathleen Turner (*Corpos Ardentes* e *A Honra do Poderoso Prizzi*) a aparência de uma garota de 17 anos. Propositadamente, ele a mostra já fora de idade para usar suéteres apertados, saias-balão e os rabos-de-cavalo do final dos anos 50. Um contraste que torna ainda mais excitante e questionador esse reencontro com o passado. Sem maquiagem que a torne mais nova e sem as turbulências provocadas pelas ilusões da juventude, é o momento de Peggy, mais madura, dar às coisas o peso que elas realmente têm.

Tudo fica mais claro para ela nessa volta. Percebe o quanto a sua mãe era jovem, o quanto não valia a pena as implicâncias com as irmãs mais novas - mais útil e eficaz seria, por exemplo, usar sua energia contra os preconceitos e a discriminação que obstruíam tanto o dia-a-dia dos mais jovens co-

mo dos adultos. Há ainda uma questão séria a ser respondida: por que engravidar aos 18 anos, casar com Charlie, o homem que a trairia no futuro, quando havia outras possibilidades e caminhos - um relacionamento com um mais sensual e interessante colega de escola, o poeta beat Michael (Kevin J. O'Connor) e mesmo o desejo de fazer dança?

A história, na verdade, é banal, uma receita fácil de ser digerida e, que em outros momentos, o cinema já experimentou. Mas não se deve esquecer que por trás do colorido figurino, dos ambientes que reconstróem a vida da classe média americana dos anos 50 e dos engraçados fatos que marcam a viagem de Peggy Sue, estão as mãos habilidosas de Coppola. Ele é o mesmo diretor de *O Selvagem da Motocicleta* (*Rumble Fish*), lançado este ano no Brasil, também um filme sobre a juventude, desta vez marginal, sem saídas e contemporânea. Não se deve esperar em Peggy Sue as ousadas formas de *Rumble Fish*. São obras diferentes, apostas até, mas que comprovam o talento e o belo jogo de cintura de Coppola, que já dirigiu também *Apocalypse Now*, *O Poderoso Chefão*, entre outras grandes fitas.

E se fica claro para o espectador que numa viagem no tempo, na realidade, não é possível - mesmo para Peggy Sue ela é imaginária -, essa deliciosa obra de Coppola sugere algo saudável: uma revirada no baú das lembranças, na tentativa de fazer uma avaliação dos erros e acertos do passado, sacudir os preconceitos, apagar as imagens viciadas e cristalizadas que temos sobre certos valores e pessoas. Enfim, mudar o disco. Essa decisão aparentemente dói, mas ela pode contribuir para tornar melhor a vida hoje. Valeu Peggy Sue, por que não para nós?

Peggy Sue - Seu Passado a Espera direção Francis Coppola Com Kathleen Turner, Nicolas Cage, Kelvin O'Connor

ARLENE COLUCCI
Jornalista

Imagine-se na adolescência, 17 anos. Café da manhã, almoço, jantar com a família religiosamente reunida à mesa; a escola que exige que todos os dias, antes das aulas, se cante o Hino Nacional; uma avó que sempre telefona para saber como vai a netinha e uma mãe que aconselha a filha a se manter longe de algo "muito perigoso" - o pênis de um rapaz. Carêta, não? Talvez, se você ainda tem 17 anos. Mas se já ultrapassou a fronteira dos 40 e a vida lhe desse a oportunidade de retomar aos 17, sem lhe roubar uma fatia sequer de toda a experiência acumulada, coisas como essas poderiam ter outro sabor. E outro valor.

O filme *Peggy Sue - Seu Passado a*

Espera (Peggy Sue Got Married) do diretor americano Francis Coppola, oferece justamente esse passaporte de retorno. Uma delícia para nossas cabecinhas fantasiosas. Quem não gostaria de voltar alguns anos e fazer pequenas, mas decisivas reformas no destino? Como dar os passos que não foram dados, recuar quando era realmente preciso e só não conseguiu porque faltou coragem e cabeça.

A personagem Peggy Sue (Kathleen Turner), 42 anos, recém-separada do marido, Charlie Bodell (Nicolas Cage), mãe de dois filhos adolescentes, depara-se com essa oportunidade. Não há nenhuma máquina do tempo à sua disposição, como acontece em *De Volta Para o Futuro*, produzido por Steven Spielberg, outro filme que transforma em realidade o desejo de rever o passado. Uma parada cardíaca

A Obra de Margarethe Von Trotta

A atriz que virou diretora é como pode ser definida a carreira da cineasta alemã Margarethe Von Trotta. Essa mudança de posição, segundo ela, ocorreu porque tinha algo a dizer, o que vem fazendo através de seus personagens, a maioria das mulheres de sua geração, adultos a partir da década de 50, e que nos anos seguintes se rebelaram com o papel que lhes foi imposto.

O primeiro filme de Margarethe Von Trotta, *O Segundo Despertar de Christa Klages* (1977) é sobre uma mulher que assalta um banco para finan-

ciar um jardim de infância, sendo seguida como se fosse uma criminosa. Nele, Von Trotta diz querer retratar a contradição "entre o que é permitido pelas formas de vida dominantes - o casamento burguês ou as atuais condições de trabalho - e aquilo que desejamos para nossas vidas, o que pode, às vezes, tornar-se insuportável, gerando uma capacidade para a ação."

A riqueza de suas personagens ilustra a contradição existente, não só em Margarethe, mas em qualquer ser humano: "Em certo sentido, há um pedaço de mim em cada um dos pa-

péis femininos do filme *Irmãs ou O Equilíbrio da Felicidade* (1979)," diz ela. "De Maria tenho a capacidade e vontade de viver, se assim não fosse, jamais poderia fazer filmes. Por outro lado, sei que a energia que dispenso nisso corre por conta da sensibilidade. E a sensibilidade, que é Anna em mim, quero conservar a qualquer custo. E tenho, como Miriam, a vontade de viver - a extroversão, a vontade de mostrar, dançar, cantar -, a atriz continua viva em mim... E porque tenho esta contradição dentro de mim, procuro representá-la".

O último filme de Margarethe Von Trotta, *Rosa de Luxemburgo* (1986) sobre a jovem revolucionária polonesa que faz carreira no Partido Social Democrata alemão, apesar de sofrer tripla discriminação, por ser mulher, judia e estrangeira. Dele diz Von Trotta: "Que importa, se alguns homens atrasados consideram intimista e talvez até burguês este *portrait* de uma mulher capaz de sofrer tanto pelo seu marido como pelo seu partido. As mulhe-

res não irão se enganar, mas talvez uma delas devesse chegar primeiro para compreender e representar esta diferença tão singular: a diferença de uma mulher que não se dividiu entre o pensar e o sentir, entre a paixão e a razão."

Os cinco filmes de Von Trotta foram exibidos recentemente no Instituto Goethe (SP) e clube Estação Botafogo (RJ)



opere/museu